



Departamento de Letras  
Coordenação do Curso de Letras

**MEMÓRIA ANCESTRAL NO PROCESSO POÉTICO  
IDENTITÁRIO DE SOLANO TRINDADE**

Patrícia Borges Paulino da Silva

Guarabira (PB)  
Junho/2012

Patrícia Borges Paulino da Silva

**MEMÓRIA ANCESTRAL NO PROCESSO POÉTICO  
IDENTITÁRIO DE SOLANO TRINDADE**

Artigo submetido ao Departamento de Letras  
como requisito para a conclusão do Curso de  
Letras na Universidade Estadual da Paraíba,  
Centro de Humanidades.

**Orientação:** Profª Drª Rosilda Alves Bezerra

**Banca Examinadora:**

Profª Drª Maria Suely da Costa

Profª Drª Maria Neni de Freitas

Guarabira (PB)  
Junho/2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S586m

SILVA, Patrícia Borges Paulino da

Memória ancestral no processo poético identitário de  
Solano Trindade / Patrícia Borges Paulino da Silva. –  
Guarabira: UEPB, 2012.

27f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra.”

1. Memória 2. Identidade Negra  
3. Poesia I. Título.

22.ed. CDD 305.8

**PATRÍCIA BORGES PAULINO DA SILVA**

**MEMÓRIA ANCESTRAL NO PROCESSO POÉTICO IDENTITÁRIO DE  
SOLANO TRINDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado  
em Letras.


**Aprovada em 27 de junho de 2012**

**BANCA EXAMINADORA**



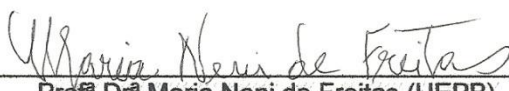
---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra (UEPB)  
Orientadora



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa (UEPB)  
1<sup>a</sup> Examinadora



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas (UEPB)  
2<sup>a</sup> Examinadora

# MEMÓRIA ANCESTRAL NO PROCESSO POÉTICO IDENTITÁRIO DE SOLANO TRINDADE

Patrícia Borges Paulino da Silva

## Resumo

O presente artigo trata de uma análise de seis poemas do livro O Poeta do Povo, cujo objetivo principal é identificar as abordagens sobre ancestralidade e memória no processo poético identitário de Solano Trindade. O processo de memória e ancestralidade é dividido em coletivo e pessoal, pois o autor não menciona apenas as suas lembranças, mas a de um povo que apesar do sofrimento relembra as partes positivas e negativas do seu passado, as lutas pela liberdade, os amores, a dor da perda, a terra natal, as festas, enfim, aquilo que lhes foi negado. Solano Trindade escreve sobre seu povo, cultura e tradição, como também versifica o percurso de sua hereditariedade, quando os negros foram trazidos de seu continente, a África, até os dias atuais, em tudo que foi deixado, preservando assim a identidade de seu povo.

**Palavras-Chave:** Memória. Identidade. Negro. Poesia.

## Introdução

*Quem calou  
Não consentiu  
Teve é medo*  
(ALBERTO, 1982, p.34)

É com base na epígrafe de José Alberto, poeta, que iniciaremos nossa discussão acerca da realidade que enfrentou o povo negro desde sua vinda forçada de África, até o percurso de seus descendentes. Para a elaboração e análise do tema a respeito de memória ancestral, foi realizada uma pesquisa sobre a história dos africanos e o reflexo deste sofrimento nos afrodescendentes, pois apesar da escravidão ter sido abolida, o preconceito ainda vive em muitos seres humanos até os dias atuais.

Homens e mulheres, que viviam em sua terra com suas famílias, foram arrancados de suas tradições e costumes, onde viviam os bons e maus momentos de suas vidas. Com a escravidão, os africanos cativos foram submetidos a enfrentar uma realidade de atrocidades e torturas, difundida no processo escravagista, como está registrado por James (2006):

Os escravos registravam o chicote com mais certeza e regularidade do que registravam a sua comida (...) A flagelação era interrompida para que se passasse um pedaço de lenha incandescente no corpo da vítima; sal, pimenta, limão, brasas aloés e cinza quente eram despejados sobre as feridas sangrentas. Mutilações eram comuns, membros, orelhas, e às vezes partes íntimas, para privá-los dos prazeres que poderiam gozar sem despesas. Os senhores despejavam cera quente em seus braços, mãos e ombros, jogavam cana-de-açúcar fervente sobre suas cabeças, queimavam-nos vivos, assavam-nos em fogo lento, enchiam-nos com pólvora, e os explodiam, enterravam-nos até o pescoço e besuntavam suas cabeças com açúcar para que as moscas o devorassem; amarravam-nos perto de formigueiro ou vespeiros, faziam-nos comer seus excrementos, beber sua urina, beber a saliva de outros escravos (JAMES *apud* FEMI OJO-ADE, 2006, p. 27).

É a partir da solidariedade com seu povo que o poeta Solano Trindade escreveu seus poemas, enfatizando o poder do negro, que sempre lutou por sua liberdade, as batalhas, a alegria, apesar dos transtornos não conseguiram lhes tirar, enfim, ele escreveu sobre a história de um povo que buscou e busca até hoje o reconhecimento de sua importância, o valor de sua identidade. Foi a

partir da força, herança e memória ancestral que Trindade representa que foram escolhidos os poemas, *Deformação*, *Navio Negroiro*, *Sou Negro*, *Quem ta gemendo?*, *Eu sou poeta Negro* e *Canto dos Palmares*.

Solano Trindade foi batizado como *O Poeta do Povo*, *Poeta Popular*, entre outros. É o que nos afirma Souza e Lima, quando relata a relevância literária do poeta Solano Trindade:

Agradam-me profundamente os títulos de “poeta negro”, “poeta do povo”, “poeta popular”, às vezes usados de modo depreciativo – mas que me dão uma consciência exata do seu papel de poeta na defesa das tradições culturais do meu povo, na luta por um mundo melhor. Unir o universal ao regional, num poema participante ou amoroso, num verso de protesto ou ternura – mas em palavras compreensíveis. Quem me ouvir, ouça (TRINDADE Apud SOUZA e LIMA, 2006, p. 141)

Ainda nos referindo aos títulos dados a Trindade, o poeta e crítico Elio Ferreira declara que Solano Trindade “orgulhava-se dessa herança. Tanto que se sentia envaidecido com a alcunha de “poeta do povo”, “poeta negro”, etc. dada por seus contemporâneos” (SOUZA, 2006, p. 88). É com esse orgulho por sua memória e ancestralidade, que Solano Trindade mostra uma identidade construída ao longo do tempo, sempre com a austeridade e a sobriedade conquistadas.

Sua poesia tem uma forma moderna, contemporânea. O próprio poema remete ao som dos tambores e atabaques, lembrando assim, as danças e costumes. Os versos não seguem uma métrica, possui liberdade, que por sua vez representa a liberdade do poeta que não se prende a esta ou aquela escola literária.

### **Solano Trindade: o poeta das várias manifestações artísticas**

Francisco Solano Trindade nasceu em 24 de julho de 1908, em Recife, Pernambuco. Ele era um exemplo das misturas étnicas, que formam o Brasil. O poeta é neto de negro com branca (avós paternos) e de um negro com uma índia (avós maternos). Seu pai, Manuel Abílio, era sapateiro, e sua mãe, dona

Emerenciana, era quituteira. Desde cedo teve contato com o folclore, através de seu pai, que o levava para festas de carnaval, frevo, pastoril e outras manifestações artísticas e culturais. Sua vida foi uma luta constante para levar o folclore e a poesia, que ele tanto amava, para os menos favorecidos.

Solano Trindade fez várias tentativas de construir ambientes, que ajudassem os negros a mostrarem a sua cultura, alguns grupos ele conseguiu fundar sem muito sucesso, outros, o sonho não chegou a se realizar, mas foi em 1950, com sua esposa Margarida Trindade e o sociólogo Edson Carneiro, que o poeta construiu o Teatro Popular Brasileiro, o seu projeto de sucesso. Sempre com o intuito de aproximar a população da arte, divulgar os artistas negros e mais tarde, nas próprias palavras do autor, “mostrar, incentivar e desenvolver as artes populares tradicionais do povo brasileiro, a dança, a música, a escultura, a pintura a poesia e todas as manifestações folclóricas” (TRINDADE, 2008, p. 19).

Por meio dessas manifestações culturais, o poeta Solano Trindade tentou apaziguar o sofrimento do negro, com a alegria de representar e manifestar a cultura em suas várias formas, teatro, pintura, poesia etc. No conjunto de seu trabalho não visava aos lucros financeiros, pois seu objetivo principal era o de levar alegria a seu público e elevar a cultura negra, sua maior recompensa.

Solano Trindade defendia as causas de seu povo, sua voz falava por muitos, por pessoas que sofreram e ainda sofrem um preconceito intolerante e repreensível, pois não é a cor da pele que altera a capacidade, inteligência e menos ainda o caráter do ser, seja ele negro, branco, pardo etc. “Sua poesia tinha uma aguda consciência de classe, mas sem ódios” (TRINDADE, 2008, p. 19).

Em tudo que fez e se manifestou, jamais esqueceu seu povo, sempre declarou orgulho de mostrar e elevar os aspectos de povo negro, a parte física, intelectual, a alegria, os sentimentos, as emoções e outros. É a voz de seu povo na luta constante de libertação. Sua poesia é a história de luta, como veremos no fragmento do poema “Eu sou poeta Negro” (TRINDADE, 2008, p. 45), a ser analisado posteriormente.



Eu sou o poeta negro  
De muitas lutas  
As minhas batalhas  
Têm a duração de séculos  
(...)  
Cantarei  
E protestarei contra a injustiça dos poderosos

Em síntese, tudo que Solano Trindade realizou em sua vida, as derrotas ou vitórias, cada ação é o retrato do homem e do poeta. Vários críticos e artistas celebraram a produção de Solano Trindade, entre eles, Abdias Nascimento, Roger Bastide, Arthur Ramos, Carlos Drummond de Andrade, que elogiou poemas célebres como “Poema do homem” e “O canto dos Palmares”.

### **Ancestralidade e memória identitária**

Nas discussões em que são abordados aspectos da memória e ancestralidade, os conceitos se confundem durante o percurso da definição desses conceitos, observaremos o que significam na história dos negros. Ancestralidade é aquilo que nos foi deixado pelos ancestrais, ou seja, por quem viveu antes e contribuiu para a formação de nossa história e cultura. A ancestralidade africana, segundo Somé (2003, p. 28), tem um significado peculiar:

Não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou imaginamos. Pode ser uma árvore (...). É possível que seja um riacho correndo longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral.

Nosso argumento se articula em torno da cultura dos negros africanos e seu legado para o povo afro-brasileiro ou afrodescendente no decorrer da história. Ancestralidade dar base a cultura africana no Brasil, conservada pelos seus descendentes de geração em geração. Já a memória, esta por sua vez representa as lembranças dos negros a todos os acontecimentos vividos por eles e por seus ancestrais, neste caso, lembranças de tudo de todos os sofrimentos e alegrias antes e depois de serem escravizados.

Para Bosi (2004, p. 81),

(...) Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antiga, mas uma reaparição.

Observamos o significado das duas palavras e percebemos que ancestralidade e memória estão ligadas nesse contexto de africanidade e afrodescendência, pois ancestralidade de certa forma são as memórias, a cultura, a fonte de identidade e sabedoria gerada por quem viveu essa história. Ancestralidade nos remete à memória e vice-versa.

Na lírica de Solano Trindade não há protesto com voz de violência, raiva ou ódio, pelo contrário, ele repudia o preconceito e quem o gera com uma linguagem simples de amor, um canto sublime de luta e exaltação de seu povo.

Segundo Souza e Lima,

Solano era amante de uma linguagem simples. Não se preocupava em seguir esta ou aquela escola literária da poesia brasileira. Talvez, por isso, tenha podido empregar à poesia cunhada em meio à beleza e angústia, todo seu espírito, sua cor, sua raça, sua luta... (2006, p. 141)

Ainda se referindo à poesia de Trindade, Souza e Lima destacam que: “A obra poética de Solano Trindade é repleta de musicalidade e ritmo. A temática é variada; fala de problemas sociais, da beleza, do amor, de amores, da vida cotidiana, das tradições populares afro-brasileiras” (2006, p. 141).

Memória e ancestralidade são características marcantes na obra do *Poeta do Povo*. Sua poesia relembra as lutas e batalhas, pelas quais tiveram de passar os negros contra as humilhações de ricos e poderosos, fontes de preconceito, para um dia poderem se libertar, usando a herança dos atabaques, gonguês, agogôs, na religião, Oxum, Yemanjá, Ogum entre muitos outros, pois “(...) os africanos não chegaram às Américas como um saco vazio, completamente desprovidos de suas memórias, como é visível entre nós a presença de narrativas, canções populares, cantos religiosos, religiões, lendas e mitos africanos (SOUZA, 2006, p. 88).

Solano Trindade e seus poemas representam a elevação e eminência da raça negra em todos os aspectos, portanto, podemos observar que “A história da diáspora africana não é feita unicamente de tristezas, de chorar o que se perdeu na travessia e no Novo Mundo. Há de se considerar o legado, a herança dos nossos ancestrais negros apesar da violência e barbárie (SOUZA, 2006, p. 88).

No decorrer dos séculos, muitas foram às transformações, que ocorreram na cultura africana, porém, por conseguinte, também na cultura brasileira, que passou a ser conhecida também como cultura afro-brasileira ou afrodescendente. Com todos esses acontecimentos muita coisa mudou e se transformou na vida destas pessoas.

(...) No Novo Mundo, os negros se reinventaram num novo ser negro, fundindo o mito, o imaginário, o que lhes restara dos fragmentos da consciência africana com o novo aprendizado, este adquirido na terra do cativo. Centenas de ritmos e manifestações culturais de origem africana foram recriados a partir de um eixo-aglutinador, de “vestígios” da memória dos nossos ancestrais negros em contato com a paisagem e o aprendizado das Américas (SOUZA, 2006, p. 89).

A reconstituição da identidade negra somente foi possível, de certa forma, na formação de um hibridismo cultural, uma mistura de costumes nacionais e africanos, havendo assim uma troca e o surgimento de outros costumes: “na formação e constituição da paisagem cultural brasileira, podemos observar variados processos constitutivos derivados dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus e indígenas” (FONSECA, 2006, p. 64). É nesse contexto, que podemos caracterizar o Brasil um país pluricultural, pois foram muitas as misturas, conforme argumentação de Munanga:

A ideia de uma nova etnia nacional traduz a de uma identidade que restou de um processo continuado e violento de unificação política por meio da supressão das identidades étnicas discrepantes e de opressão e repressão das tendências virtualmente separatistas, inclusive dos movimentos sociais que lutavam para edificar uma sociedade mais aberta e solidária (MUNANGA, 2008, p.108).

Um exemplo marcante desse choque cultural está no poema “Deformação” (TRINDADE, 2008, p. 44), neste caso o poeta enfatiza a questão religiosa nas memórias e nas características ancestrais contidas no poema:

Procurei no terreiro  
Os Santos D’África  
E não encontrei,  
Só vi santos brancos  
Me admirei,,,

Que fizeste dos teus santos  
Dos teus santos pretinhos?  
Ao negro perguntei.

Ele me respondeu:  
Meus pretinhos se acabaram,  
Agora,  
Oxum, Yemanjá, Ogum,  
É São Jorge,  
São João  
E Nossa Senhora da Conceição.

Basta Negro!  
Basta de Deformação!

Neste poema, a memória está relacionada aos santos da África e aos santos do Brasil, cujo objetivo principal era banir os santos e as religiões trazidas pela população negra. É a identidade do negro confrontada com a tentativa de exclusão de sua cultura e a aceitação forçada de uma outra imposta agora por seus “donos”, então, foi com a imposição de novos costumes, religião e crenças que os negros começaram um protesto de libertação, protesto este que durou séculos. “Da escravidão é que vêm, também, os incontáveis traumas que até hoje martirizam gerações e gerações de descendentes de africanos” (LOPES, 2006, p. 58).

O poema nos remete a imposição da religião católica para os negros, na primeira estrofe, o poeta enfatiza os santos D’África para assim representar as religiões africanas e ao mesmo tempo a imposição de uma nova religião. Neste caso, a do Catolicismo, conceituada como a “correta” a ser seguida pela população negra, pois para muitos, esta era a única forma de salvação para os negros, que eram considerados “impuros” de corpo e alma. Além da imposição

dos senhores de escravos, a igreja também participava destes atos intolerantes, é o que nos declara Lopes (2006, p. 183):

Mas, infelizmente, combatendo o tráfico, o Padre Vieira é uma singular exceção dentro da Igreja. Porque, durante todo o tempo que durou a escravidão, as lideranças católicas sempre deram apoio à prática escravista, inclusive participando do triste comércio, ao contrário do que a História “oficial” do Brasil tenta proclamar.

É a partir de todo esse processo que observamos, infelizmente, o quanto nossa história é hipócrita. Na segunda estrofe, surge a pergunta “Que fizeste dos teus santos / Dos teus santos pretinhos?” Essa pergunta expressa a surpresa de chegar a um continente desconhecido e se deparar com crenças e características religiosas totalmente diferentes da sua, fazendo com que as lembranças afluam no âmago do povo negro.

Na terceira estrofe, a pergunta é respondida, evidenciando a determinação imposta pelo Cristianismo. Os negros tiveram que aceitar ou fingir aceitar as novas crenças. Mesmo lembrando-se de tudo que sua religião praticava, tinham que mudar as formas e características das suas atividades. Fazendo com que estas se assemelhassem com a nova religião. As mudanças foram muitas, pois o preconceito era enorme, surgindo misturas e interferências em ambas as religiões. Usavam nomes de santos da religião cristã, como códigos, para poderem se referir aos seus “santos pretinhos” para assim iludir seus senhores e capitães do mato, que os vigiava sempre. Na quarta e última estrofe, o poeta apresenta o quanto a cultura religiosa foi “deformada” e transformada através deste processo de imposição e ao mesmo tempo de fusão de costumes e crenças, pois os escravos trazidos D’África guardavam consigo as lembranças, que proporcionaram ao negro interferir em outras culturas a partir da memória de autoafirmação em cada manifestação.

Na Diáspora, as matrizes culturais e religiosas dos africanos entraram em relação com a cultura de outros povos: a indígena, a européia, a árabe e mais recentemente com outros povos orientais, para resultar na *Negralização* dessas culturas, na diversidade e riqueza inesgotável da cultura afro-descendente das Américas. (SOUZA, 2006, p. 89).

O Cristianismo, de certo modo, também foi uma forma de opressão ao povo negro, é o que ressalta Lopes (2006, p. 209) quando declara que:

Além disso, embora imposto de maneira quase sempre violenta, o cristianismo sofreu, na mão dos Bantos, na África e no Brasil, fortes transformações. Porque o Banto não adotou passivamente os dogmas do catolicismo. O que ele fez foi colocar essa religião ao seu jeito, ao seu modo, dando a ela coloridos e nuances que a transformaram num catolicismo todo peculiar, permeado de práticas da religião tradicional negro-africana e do culto banto aos antepassados.

O poema “Deformação” (TRINDADE, 2008, p. 44), também nos faz lembrar as religiões que foram fundadas no Brasil através dos negros africanos. O candomblé, denominada a religião dos orixás, foi a mais importante entre essas religiões. O candomblé por ser religião de origem africana também sofreu preconceito, sua aceitação foi difícil nas terras brasileiras, ainda sendo pré-conceituada até hoje. O negro foi inteligente e hábil em manter sua religião, que resistiu durante muito tempo de opressão e dura até hoje, apesar de todo preconceito. O cristianismo influenciou e interferiu no candomblé, havendo uma espécie de fusão entre ambas, herdando alguns aspectos da outra e vice-versa. “A reconstituição da cultura religiosa africana no Brasil foi orientada, não sem a ocorrência de mudanças, acréscimos e perdas...” (PRANDI, 2005, p. 168), o autor ainda enfatiza que:

A religião negra, que na Bahia se chamou candomblé, em Pernambuco e Alagoas, xangô, no Maranhão, tambor-de-mina e o Rio Grande do Sul, batuque foi organizada em grupos de “nações” ou “nações de candomblé” (...) Em cada uma delas, a nação africana que a identifica é responsável pela maioria dos seus elementos, embora haja grande troca de elementos entre elas, resultados dos contatos entre nações no Brasil... (PRANDI, 2005, p. 165).

A imposição religiosa, mais especificamente do cristianismo, contribuiu eficazmente para a mistura religiosa que foi formada no Brasil. O negro foi forçado a aceitar a religião dos brancos, mas cultivaram em suas memórias as heranças deixadas por seus ancestrais, que conseqüentemente foram trazidas

---

<sup>1</sup>O candomblé é o nome dado à religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir dos povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes e, residualmente, por grupos africanos minoritários. (PRANDI, 2005, p. 20 e 21)

para as Américas pelo processo escravagista. Reginaldo Prandi retrata esse processo de imposição e mistura religiosa:

Mas o negro, obrigado a incorporar-se numa cultura nacional, européia, branca e cristã, sem o que não era possível sobreviver – e o sincretismo católico das religiões afro-brasileiras é a demonstração nítida dessa obrigatoriedade de ser brasileiro e, por conseguinte, católico, mesmo quando se é africano e se cultuam orixás e outras divindades africanas... (2005, p. 171).

O autor ainda defende a idéia de que “O candomblé formou-se e transformou-se no contexto social e cultural católico do Brasil. Firmou-se como religião subalterna e tributária do catolicismo, do qual ainda hoje tem grande dificuldade de se libertar para se constituir como religião autônoma” (PRANDI, 2005, p. 67). Nesse contexto, não podemos deixar de nos referir aos orixás, que são as divindades das religiões afro-brasileiras, estes por sua vez são adorados e respeitados pelos componentes destas religiões, principalmente do candomblé.

Os orixás na cultura religiosa brasileira muitas vezes são confundidos com os santos da religião católica, que como mesmo diz Prandi (2005, p. 67) “A própria palavra “santo” serviu de tradução para “orixá”...” no poema de Trindade essa mistura e troca de nomes também é bastante notória, pois enfatiza a mesma divindade com nomes diferentes em religiões diferentes e parecidas em alguns aspectos, ao mesmo tempo.

Os negros e participantes referenciam os Orixás no candomblé, como os socialmente brancos têm fé pelos santos no catolicismo, apenas cada religião com seus rituais diferentes, uns fazem sacrifícios, outros rezam para conseguir realizar seus pedidos. A realidade é que também na cultura religiosa africana e brasileira foram muitos os cruzamentos.

Em muitos terreiros de candomblé, concepções e práticas católicas que foram incorporadas à religião dos orixás em solo brasileiro vão sendo questionadas e deixadas de lado. (...) Exu vai perdendo, dentro do mundo afro-brasileiro, a condição de diabo que a visão maniqueísta do catolicismo a respeito do bem e do mal a ele impingiu, uma vez que foi exatamente a cristianização dos orixás que transformou Oxalá em Jesus Cristo, Iemanjá em Nossa Senhora, outros orixás em santos católicos, e Exu no diabo (PRANDI, 2005, p. 99).

Os Orixás cultuados no Brasil são: Exu, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Omulu, Nanã, Oxumarê, Euá, Xangô, Obá, Iansã, Oxum, Logum, Edé, Iemanjá, Oxaguiã, Oxalá.

A poesia de Solano Trindade relembra sempre o sofrimento contínuo de seus irmãos desde o começo de sua trajetória escravagista, no poema “Navio Negreiro” (TRINDADE, 2008, p. 40), estão contidas estas dolorosas memórias na mente do negro descendente.

Lá vem o navio negreiro  
Lá vem ele sobre o mar  
Lá vem o navio negreiro  
Vamos minha gente olhar...

Lá vem o navio negreiro  
Por água brasileira  
Lá vem o navio negreiro  
Trazendo carga humana...

Lá vem o navio negreiro  
Cheio de melancolia  
Lá vem o navio negreiro  
Cheinho de poesia...

Lá vem o navio negreiro  
Com carga de resistência  
Lá vem o navio negreiro  
Cheinho de inteligência...

Ele relembra a trajetória trágica imposta aos negros, principalmente a bordo dos navios de carga, os navios negreiros, com carga negra trazida para as Américas, no comércio escravagista para o Brasil através dos tráfico e do banditismo, quando ricos e traficantes de África e do Brasil começaram a proporcionar negros em troca de ajuda militar. Vale enfatizar que em África já existiam escravos, mas não da forma que eram tratados pelos colonizadores, no método africano, os escravos trabalhavam sim, porém tinham seus direitos: não podia ser tratado como mercadoria ou sofrer violência física, como retrata Lopes (2006, p. 43-44):

(...) por essa época, a instituição de escravidão entre os africanos era formalmente bem diferente daquela que o europeu implantou: o escravo era sujeito de Direito, não podendo ser vendido nem maltratado, e tinha até mobilidade social. Na África, o que determinava a relação de sujeição era o status e não o “valor econômico” da pessoa. Foram os



européus que introduziram essa forma aviltante de escravidão, na qual o homem era transformado em coisa (e nunca sujeito) de direitos e obrigações, em mercadoria valorável economicamente, podendo até ser dado em garantia hipotecária. Na sociedade mandinga – para citar um exemplo africano – escravos tinham direito a alimento, roupas, casamento, e meação em terras de seus senhores. E no Reino do Congo o escravo era considerado filho da família, ao lado dos filhos “filhos de ventre”, podendo substituir o “pai” na ausência dele e podendo, inclusive, ter os seus escravos também (LOPES, 2006, p. 43-44).

O poema “Navio Negreiro” destaca a chegada dos escravos no Brasil, enfatiza que apesar de todo sofrimento e violência, muitas coisas boas também foram transportadas. No poema destaca-se a inteligência, a cultura e o desejo de libertação. Os negros viram e viveram o pior da vida, desde a sua captura em África, durante o percurso dentro dos porões dos navios negreiros até todas as humilhações e atrocidades vividas ao chegarem à nova morada e na nova forma de viver.

O verso “Lá vem o navio negreiro” se repete nas quatro estrofes do poema ligando a história, principalmente, representando a ansiedade dos senhores de escravos ao esperarem a chegada de sua carga, carga humana que com certeza lhes proporcionará muito progresso, servindo em tudo que os senhores brancos achavam convenientes. Além de suportar a travessia nas piores condições de estadia e higiene que um ser humano podia aguentar, os negros ao chegarem à terra firme tinham que enfrentar as horripilantes formas de menosprezo. Os negros não trouxeram apenas sofrimento e tristeza, trouxeram uma enorme carga de riqueza cultural, representada no poema quando o poeta diz que ali também vem “poesia”, “resistência” e “inteligência”.

Lá estavam homens e mulheres que resistiram a muitas coisas, a doenças, a surras por motivos banais, a humilhações e ao pior, uma viagem sem volta, à falta dos familiares e do direito de liberdade, sofreram para suprir o sadismo e maldade dos homens brancos. No trecho abaixo Souza (2006, p.78) afirma que:

Solano Trindade se reporta à história dos antepassados negros, que foram seqüestrados na África e transportados sob o peso das correntes no porão do “Navio negreiro” com destino ao Novo Mundo, para cultivar os campos de plantações, cuidar

da casa grande, lavrar as minas de pedras preciosas, construir cidades, pontes, igrejas ou prédios luxuosos para o conforto dos senhores de escravo, fazendo o progresso e a riqueza dos campos e cidades das Américas, sem, no entanto, receber nada como pagamento pelo trabalho cativo. A recompensa foi o castigo: o tronco, o açoite, a canga de ferro, máscara de flandre, a mutilação e outras atrocidades.

Vale ainda enfatizar que a exaltação da raça é perceptível neste poema, no qual o poeta rememora o sofrimento dos escravos, que eram trazidos nos navios de humilhações, além da dos familiares e do direito de liberdade. “O regime de trabalho escravo era desumano pela própria natureza. Foi graças a ele que se perpetuaram na memória brasileira conceitos estereotipados sobre o negro que até hoje são extremamente difíceis de apagar” (LOPES, 2006, p. 58).

A poesia de Trindade de fato é a representação da memória e da ancestralidade do negro transcrita, ou melhor representada em versos. Sua poesia é um tipo de comprometimento contra o preconceito racista que ainda afeta o negro. É um ensinamento que deve ser passado e repassado, pois referencia a cultura africana e a sua identidade negra.

Segundo Bezerra,

Para Solano Trindade, a cultura negra traduz valores universais que, sem diluir-se no amálgama cultural brasileiro, refaz-se historicamente em forma de consciência crítica e transformadora da realidade social. Em resumo: escutar o povo e traduzir a sua consciência em forma de poesia. Neste poema, o poeta coloca-se como um homem que sente orgulho de seus antepassados, e identifica-se com eles no presente, e confirma a sua identidade, principalmente, quando relata a resistência negra no Quilombo dos Palmares (BEZERRA, 2010, p. 10).

A cultura dos ancestrais que representam a resistência e a identidade cultural do povo africano não está presente apenas nas pessoas de cor, pois “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.” (FREYRE, 1963, p. 331

Navio Negreiro possibilita reflexões sobre o que foi deixado, os traumas e as riquezas. Como afirma Santos (2005, p. 163), a marca hipócrita está presente desde o princípio da história da diáspora.

(...) no Brasil, podia-se lutar contra o escravismo em nome da igualdade de direitos e desprezar os negros alegando sua inferioridade biológica e cultural. Podia-se lutar pela emancipação nacional e limitar a participação popular. Podia-se em nome de uma investigação legitimamente científica, separar os homens por ordem de perfeição definida por sua raça.

É por causa de preconceitos intolerantes que o sofrimento passou a ser parte predominante na vida do negro, que mesmo depois da abolição da escravidão, foram e são marginalizados até hoje, sendo a maior parte que ainda prevalece na pobreza, que vivem em comunidades carentes e que ainda perdem oportunidades profissionais por causa da cor da pele. “Das senzalas, o negro foi empurrado para a prisão social dos morros, guetos ou favelas” (SOUZA, 2006, p. 58).

É essa a ação-reação que nos faz sentir a poesia de Trindade, faz com que a identidade de alguma forma reconheça a importância da força ancestral e a luta do povo negro, lutas e batalhas seculares que ainda não acabaram, mas que ainda prevalece o combate contra esse tipo de escravidão.

Nos poemas de Solano Trindade, observamos uma constante e incansável luta pelos ideais e o reconhecimento do povo negro, apesar de toda marginalidade que lhes foi depositada, nunca desistiram de lutar. Faz com que seus irmãos busquem ainda mais a ascensão étnica. Lembra seus ascendentes, enfatizando seus descendentes como continuação da identidade de seu povo. No poema “Sou Negro” (TRINDADE, 2008, p. 42), o poeta melhor representa a memória e a ancestralidade, através das lembranças e heranças que nos deixaram os mais velhos. O poema retrata a emoção, que gera ao negro descendente ao lembrar suas origens, neste caso, representada no sofrimento de seus avós sequestrados de África e trazidos para o Brasil.

É no poema que segue que Solano Trindade canta a assunção e a ascensão de seu povo, numa lembrança pessoal e coletiva, pois ele era descendente de africanos e demonstra o quanto se orgulha dessa herança, pois é na primeira estrofe que ele declara sua cor e ascendência sem medo de modelos e conceitos estereotipados. “O canto narrativo transita nos campos minados de fragmentos da história dos negros, sitiando lugares e fronteiras da

memória pessoal e coletiva. O poema traça um breve mapa cronológico dos negros na África e no Brasil” (SOUZA, 2006, p. 90).

Sou Negro,  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gonguês e agogôs.

Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor do engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou com um danado  
nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
escreveu não leu  
o pau comeu  
Não foi um pai João  
humilde e manso.

Mesmo vovó  
não foi de brincadeira  
Na guerra dos Malês  
ela se destacou.

Na minh'alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação.

Souza ainda enfatiza que “(...) memória autobiográfica e coletiva é um dos trunfos da poesia e da ficção negra contemporânea” (2006, p. 91). Então, conseqüentemente, também da poesia de Solano Trindade, na qual o autor relata fatos pessoais de sua vida e de seu povo, revivendo a memória, que nunca mais será a mesma.

Neste poema o poeta ainda enfatiza a força do negro a sobreviver a tudo isto e não fraquejar, não aceitar, nem se submeter à escravidão sem relutar, pelo contrário, lutaram contra ela com todas as forças, conseguindo assim a liberdade de seus semelhantes, pois muitos caracterizam os escravos como submissos, que aceitaram o processo escravagista sem lutar, que não procede.

O poema ainda destaca a riqueza que nos foi deixada, além da relevância para a formação de várias manifestações folclóricas e culturais, existentes até hoje, que sobreviveram as várias formas e tentativas de exclusão. No percurso do poema observamos o prestígio do legado que herdamos, com os acontecimentos históricos, quando se refere a Zumbi, guerreiro negro, símbolo da luta pela liberdade. A Guerra dos Malês, o trabalho escravo nos engenhos, até a produção artística e cultural, nas músicas e instrumentos, como o Maracatu, atabaques, agogôs e o samba. Esses quesitos históricos e culturais representam apenas uma pequena parte do patrimônio ancestral deixado pelo povo negro africano, que Solano Trindade representa memoravelmente nos seus versos.

Apesar de todos os problemas e desafios, que o povo negro enfrentou e ainda enfrenta em menor proporção, os poemas de Solano Trindade mostram que os negros são vencedores, pois a cada perda, a cada dor, a cada batalha, se consolidam e se fortificam, e é a partir dessas características que analisamos a presença do sentimento da negritude contida em seus poemas. A negritude foi um movimento no qual o povo sempre lutou e buscou o reconhecimento e a valorização do negro. Tratados de modo desumano, foram considerados herança nefasta do povo africano.

Dessa forma, Santos (2005, p. 131) descreve o que sempre foi tachado de preconceituosos da imagem do povo de pele negra.

A descrição do negro como lascivo, libidinoso, violento, beberrão, imoral ganha as páginas dos jornais compondo a imagem de alguém em que não se pode confiar. Condenavam o samba e a capoeira como práticas selvagens e que terminavam em desordem e violência. Acusavam os negros por praticarem bruxarias, por não possuírem espírito familiar sendo as mulheres sensuais e infiéis e os maridos violentos, retratos da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro.

---

<sup>2</sup> O Movimento da *Negritude* nasceu em Paris por volta de 1934, quando um grupo de intelectuais africanos e caribenhos radicados em Paris se reuniu em torno dos seus ideais. Influenciados pelo Renascimento Negro norte-americano, os intelectuais negros assumem um discurso em defesa dos direitos à igualdade racial, adotando princípios do marxismo reivindicatório e o combate ao neocolonialismo europeu. Os principais líderes do Movimento da *Negritude* foram Aimé Césaire, da Martinica; Léon Damas, da Guiana, e Leopold Senghor, do Senegal. (SOUZA, 2006, p. 26)

No poema “Quem tá gemendo?” (TRINDADE, 2008, p. 41), o poeta manifesta a questão do racismo, do preconceito por ter vivido e defendido o movimento da negritude, por ter sido um incansável defensor dos negros nas lutas de classes. “Quem tá gemendo?” retrata tais questões apresentadas por Solano Trindade:

Quem ta gemendo  
 Negro ou carro de boi?  
 Carro de boi geme quando quer,  
 Negro, não,  
 Negro geme porque apanha,  
 Apanha pra não gemer...

Gemido de negro não é cantiga  
 Gemido de negro não é poema...

Geme na minh'alma,  
 A alma do congo,  
 Do Níger da guiné,  
 De toda África enfim...  
 A alma da América...  
 A alma Universal...

Quem ta gemendo?  
 Negro ou carro de boi?

O poeta expõe nitidamente a maneira como o negro era tratado, denuncia e ironiza essa questão em defesa de seu povo, tentando expor que o negro era tido ou aproximado a objeto e não como pessoa. O eu-lírico é reticente e interrogativo, o preconceito se declara de forma firme, mas Solano se mantém sobre seu ponto de vista contra o racismo e preconceito retratando tais situações em suas obras, reafirmando através da memória identitária a herança ancestral. O poema sugere a imagem do tronco, dos castigos e, principalmente, do gemido de dor e humilhação de toda África e, conseqüentemente, de toda América descendente.

Outro poema de Solano Trindade que desperta a riqueza da memória identitária é “Eu sou poeta Negro” (TRINDADE, 2008, p. 45). Nele, Trindade divide sua memória pessoal defendendo ao mesmo tempo a memória coletiva de seu povo, elevando a identidade ancestral e atual étnica.

Eu sou o poeta negro  
 De muitas lutas  
 As minhas batalhas

Têm a duração de séculos  
 As minhas amadas vêm de muito tempo  
 São muitos os seus nomes  
 Minhas mãos foram feitas para amá-las  
 Acariciando-as  
 Minhas mãos não ficam juntas  
 Para adorar os deuses,  
 Nem para bater nos demônios  
 Mas para apertar as amadas ao meu corpo  
 Senti-las em mim  
 Como se fossem minhas  
 Minha boca não fuma cigarros  
 Nem diamba  
 Com ela gozarei nos lábios e nos seios das amadas.  
 Cantarei  
 E protestarei contra a injustiça dos poderosos.

Em “Eu sou poeta Negro” Trindade se descreve como o poeta que é, que denuncia o preconceito que lhe cerca, por ser afrodescendente, assim como os seus irmãos de cor. Sua trajetória poética é riquíssima, sua consciência crítica é fundamental para seus poemas serem considerados poemas de alta linhagem afrodescendente. Neste poema ele afirma seu orgulho como poeta negro: “Eu sou o poeta negro”, enfatizando a importância de afirmar e reafirmar o valor atribuído aos seus ancestrais, pelas lutas e batalhas que enfrentaram durante todo este tempo, assim confirmando também a identidade de seu povo, principalmente, quando retrata a resistência que os negros passaram de geração em geração até a aprovação da abolição: “Eu sou o poeta negro / De muitas lutas / As minhas batalhas / Têm a duração de séculos” e mesmo depois dela, pois, as situações que envolve preconceito e discriminação contra africanos e afrodescendentes ainda são bastante presentes.

O poeta ainda retrata seus amores destacando as mulheres e os amores, “As minhas amadas vêm de muito tempo / São muitos os seus nomes / Minhas mãos foram feitas para amá-las”, terminando o poema a voz de quem não vai desistir de confirmar jamais a herança e a identidade negra ancestral e atual de seu povo, querendo deixar também o recado que a luta continua e não será fácil: Cantarei / E protestarei contra a injustiça dos poderosos. É um relato de si que representa um povo com uma realidade étnica de muitos esforços.

Para finalizar nossa análise, observando como se caracteriza memória ancestral identitária nos poemas do poeta Solano Trindade, nada melhor que

encerrá-la com um dos seus poemas de mais importância “Canto dos Palmares” (TRINDADE, 2008, pp. 37-39).

“Canto dos Palmares” é considerado “o texto fundador da *épica quilombola* dos afro-brasileiros” (SOUZA, 2008, p. 113), que representa a força de luta e, principalmente, de resistência do povo africano e afrodescendente nas terras brasileiras pela libertação de todos os negros que foram escravizados, marca a força da resistência no poema pelo verso que é repetido: “Mas eu os faço correr...”.

Trindade enfatiza a ancestralidade de seu povo como continuação da identidade cultural na memória de cada afrodescendente: “Há batidos fortes / de bombos e atabaques / em pleno sol”, costumes que foram trazidos do passado e estavam sendo cultivados pelos afrodescendentes. Este poema é uma espécie de resumo de todo o percurso do sistema escravocrata no Brasil, das opressões, as fugas, até a resistência contra o regime dos senhores de escravos. Solano Trindade o inicia explicando a causa das batalhas, “porque o meu canto / é o grito de uma raça / em plena luta pela liberdade.”

Retrata as formas de opressão que foram vividas pelos negros, as piores formas de torturas feitas por parte dos senhores brancos, sem reflexo algum de piedade. São lembranças coletivas de um povo que lutou em grupo, com o objetivo de conquista para todos, estimulando o desejo de liberdade passado de geração em geração, cultivando os costumes, as crenças e principalmente a força de resistir às piores perdas, como é retratado na quinta estrofe do poema, “Meu poema libertador / é cantado por todos, / até pelo rio / Meus irmãos que morreram / muitos filhos deixaram / e todos sabem plantar / e manejar arcos; / muitas amadas morreram / mas muitas ficaram vivas, / dispostas para amar / seus ventres crescem / e nascem novos seres.”

Os negros representam a força e o desejo da continuação da liberdade, pois mostram nesta estrofe, que muitas foram as perdas, mas maior é o amor para com seus semelhantes, e por isso mais forte é a forma de continuação dos que sobreviveram a esta guerra que teve a duração de séculos.

No trajeto das 26 estrofes que formam o poema, o poeta destaca os ataques que os senhores de escravos cometeram durante séculos contra os escravos fugidos, pois foram bastante longas as lutas e a resistência do



Quilombo dos Palmares. O poeta Elio Ferreira se refere ao Quilombo dos Palmares com a seguinte explicação:

Palmares teve vida longa, sobrevivendo mais de um século, quando foi destruído em 1694, por um exército oficial de aproximadamente nove mil homens, formado de soldados, índios, mamelucos, negros forros e todos os tipos de aventureiros, comandados pelo mercenário paulista e bandeirante Domingos Jorge Velho. Zumbi foi assassinado no ano seguinte, em 1695, de maneira traiçoeira e covarde. Sua cabeça foi exposta em praça pública, em Recife, espetada numa vara. Na boca, o pênis como forma de macular a imagem do herói negro. Palmares não se rendeu, tampouco Zumbi. A república palmarina enfrentou os canhões da elite senhorial até os instantes finais do combate (SOUZA, 2008, p. 127).

O Quilombo dos Palmares foi cercado pelas piores crueldades, mas o poema não descreve apenas as lutas, as dores, as perdas, ele também descreve os costumes, a natureza, o canto, a dança, o amor e a beleza das mulheres. O poeta destaca as lembranças do mais importante quilombo do Brasil, sejam elas as más ou boas lembranças, pois o negro teve a capacidade de manter sua alegria, de retirar coisas boas dos piores momentos no trajeto de sofrimentos que se transformou suas vidas, após o início do tráfico negreiro. O quilombo foi construído para preencher a saudade de África, e a vontade da volta, que sabiam não existir.

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvidas, uma cópia do quilombo africano, reconstruído pelos escravizados para opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos (MUNANGA, 1996, p. 60).

Trindade finaliza o poema mostrando que apesar de todas as formas de tortura e opressão, a voz do povo negro não pôde ser calada nem esquecida, pois ultrapassou séculos de tentativas de exclusão. “Mas não mataram / meu poema. / Mais forte / que todas as forças / é a liberdade... / O opressor não pôde fechar a minha boca, / nem maltratar meu corpo, / meu poema / é cantado através dos séculos, “. O poema ainda nos remete a Zumbi, guerreiro que representa a força do povo negro.

A memória ancestral se manifesta em todo o poema, pois nelas estão contidas as lembranças de tudo que os ancestrais passaram e viveram desde a época escravagista, ela está em tudo que foi herdado e preservado na cultura africana e afrodescendente, como símbolos estão os instrumentos musicais, os

tambores, bombos e atabaques, as músicas, as danças, a forma de trabalho, a importância da natureza, a religião e principalmente o desejo de liberdade, que representam a história, cultura, identidade e origem étnica.

### **Considerações Finais**

A poesia de Solano Trindade representa a história pessoal e coletiva do povo africano e afrodescendente, sua voz canta e fala por muitos, por uma nação que foi humilhada e submetida às piores formas de barbárie. Caracteriza assim, as heranças ancestrais e a memória identitária nos poemas do poeta recifense Solano Trindade, representando a religião, as lembranças, as músicas, poesia, dança e muitos outros.

A ancestralidade e a memória identitária são traços peculiares encontrados na obra do poeta, que fazem com que estas características sejam uma forma de continuação da cultura e da história do povo negro. A poesia dele é marcada pelas lembranças do povo que representa as memórias e as heranças deixadas pelos que viveram antes, que representam a ancestralidade. A herança ancestral pode ser analisada através dos símbolos, que por sua vez, são as danças, o canto, as religiões, os instrumentos musicais, a arte, os costumes, crenças e muitas outras manifestações. Ou seja, “Memória e identidade cultural andam lado a lado, percorrem caminhos que se bifurcam numa encruzilhada de lendas, mitos, memórias, fatos históricos, experiências individuais ou coletivas” (SOUZA, 2008, p.316).

Trindade representa em sua obra uma poesia de consciência e conquista de um povo lutador, que não se deixou abater pelos estereótipos negativos, mas que lutaram pela liberdade em conjunto, sem mesquinhez e individualismo de quem defendeu essa causa. Ele valoriza seu povo, sem vergonha ou desonra. Ser negro é algo que vai além da cor da pele, é ter o sentimento de aceitação daquilo que todos os negros representaram, a força coletiva de um povo. Na poesia de Solano Trindade ser negro é saber que a luta não acabou e por isso devemos consolidar a idéia que negro é sinônimo de resistência e força.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, José. **“Quem cala não consente”**. In *Cadernos Negros 5 - Poemas*. São Paulo, Edição dos autores, 1982.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Consciência e resistência na poesia afro-brasileira**: a poesia de Luiz Gama e Solano Trindade. III Seminário Nacional de Estudos de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas. Campina Grande: Eduepb, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. – 3ª. Ed. – São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

FEMI OJO-ADE. **Negro**: raça e cultura. Salvador: EdUFBA, 2006.

FONSECA, Maria Nazaré Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. – 2. ed. – Belo Horizonte autêntica, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Brasília, Ed. da UNB, 1963.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. – São Paulo: Educ / Fapesp: Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia Negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hughes (372 p.). Recife. Universidade Federal do Pernambuco: Tese de Doutorado/UFPE, 2006.

SOUZA, Florentina. LIMA, Maria Nazaré. (Org.). **Literatura afro-brasileira**. – Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. São Paulo: Ediouro, 2008.